

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

## HISTÓRIA E LITERATURA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

*Zeloí Aparecida Martins dos Santos\**

**RESUMO:** O artigo discute intermediação entre História e Literatura. Buscando evidenciar onde as relações da história com a literatura se estreitam. Essas ligações já vem sendo discutidas, principalmente na questão da narrativa histórica e sua analogia com os gêneros literários. Pois, a narrativa histórica revitaliza-se e sua aproximação com as técnicas literárias revolucionam as formas acadêmicas convencionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, literatura, intermediação, pesquisa histórica, pesquisa literária, novos territórios, diversidades de leituras.

Os estudos literários e historiográficos se aproximam pela textualidade. Essa constatação, a priori, surgiu-me como consequência de práticas de ensino e capacitação de pessoas que atuam na educação básica<sup>1</sup> e que recorrem a conceitos inter, multi e transdisciplinares para transpor conhecimentos em sala de aula. Naturalmente que os estudos bibliográficos consolidaram o entendimento do diálogo entre história e literatura.

Pois, na medida em que se produzem continuamente saberes, os historiadores acrescentam novas páginas de conhecimento à memória da sociedade da que fazem parte. (HALBWACHS, 1990; LE GOFF, 1994) A produção intelectual dos historiadores mudou em

---

\* Doutora em História pela UFPR, professora da Faculdade de Artes do Paraná.

<sup>1</sup> Experiência vivida no ano de 2001, quando a Secretaria de Estado da Educação (SEED), oferecia cursos de capacitação permanente e educação continuada aos professores da educação Básica na Universidade do Professor – Faxinal do Céu, onde eram ministrados cursos, oficinas, palestras e troca de experiências entre os professores da rede pública das escolas do Paraná. O convite foi feito pela SEED, para que eu e minha colega a professora Rosi Mariana Kaminski (Professora de Literatura - UNICENTRO, coordenadora do grupo de pesquisa “Cultura Contemporânea”, Mestre em Literatura pela UNESP, com vários estudos em torno da literatura brasileira no Paraná), trabalhássemos com a temática História e Literatura do Paraná. O trabalho foi gratificante e também exaustivo, porque o público era em torno de 60 alunos por turma, com turnos muito intensos, pois a cada dia trabalhávamos com duas turmas diferentes. Isto é, cada turma recebia informações sobre literatura e história do Paraná e discutia temas selecionados, durante quatro horas, assim os temas foram discutidos oito vezes, pois o evento era ofertado em quatro dias, com uma imersão no universo da Cultura do Paraná, com estudos diários e apresentações teatrais de autores paranaenses, mostras de cinema paranaense, palestras de escritores, como Alice Ruiz, Domingos Pelegrini Júnior, entre outros.

O resultado do enfrentamento desse desafio de trabalhar os diálogos possíveis entre literatura e a história foram as verticalizações de estudos sobre o tema e a organização, no âmbito da UNICENTRO, do grupo de pesquisas “Cultura Contemporânea”, com uma linha de pesquisa que enfoca centralmente História e Literatura no Paraná. O grupo de pesquisa “Cultura Contemporânea” tem buscado através dos trabalhos de pesquisas, mini – cursos, palestras, artigos publicados, nortear suas reflexões sobre as similitudes e diferenças entre textos ficcionais e não ficcionais, compartilhando da ótica interdisciplinar e comparativa, buscando novas perguntas e revelando novos territórios através do cruzamento das idéias e dos textos.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

profundidade e em amplitude, assim também as modalidades de se escrever a História, esta influenciada pelo surgimento de novos territórios a serem explorados pela pesquisa histórica, pelos novos objetos visando temáticas originais e ainda pela abundância das novas abordagens. (REVEL,1998)

O historiador, nessa perspectiva, reconstrói os acontecimentos das histórias vividas, informando aos seus leitores o esquema interpretativo no qual se descortina o passado vivido, demonstrando conjuntamente os seus procedimentos narrativos e os recursos metodológicos e teóricos empregados, dando possibilidade de reconhecer que as novas abordagens e objetos de estudos utilizados revelam a diversidade de leituras possíveis e, portanto, diversas formas diferentes de escrita, complementares entre si.

A crise do marxismo e do estruturalismo, as duas concepções teóricas e metodológicas que foram marcantes na segunda metade do século XX, como paradigmas explicativos dos contextos analisados pelos historiadores e cientistas sociais, fez com que se perdessem as certezas, até então inabaláveis, da escrita da História. A complexidade do conhecimento impôs a busca de novos caminhos para o desenvolvimento da pesquisa histórica, caminhos esses nunca definitivos, mas sempre renovados pelos diferentes modos de ver e contar o que se passou.

Nesse momento de crise, emergem outras abordagens históricas em países como Itália, Estados Unidos, Alemanha que contestavam a História social da Escola de Annales, da França. Na Itália, a riqueza dos arquivos sobre os séculos XVI, XVII e XVIII contribuiu para que uma equipe de historiadores se posicionassem contra o enfoque da macro-história, propondo a análise do individual e do local, que seria a abordagem dos micro historiadores.

As conseqüências dessa crise não devem ser entendidas como negativas para a História, mas sim como possibilidade de problematizar o passado no sentido de reconstruir idéias e experiências propiciando a mudança. A partir desse contexto de crise, a História expande seu campo de conhecimento, caminhando em duas direções:

- A aproximação multidisciplinar com a lingüística, antropologia, filosofia e com a literatura encaminhou a História para novos procedimentos teóricos para selecionar temas, técnicas e métodos inovadores. A troca de experiências com áreas afins permitiu que novos caminhos fossem trilhados por meio da criatividade e competência do ofício de historiador.
- Por outro lado, há aqueles que permanecem sob as influências recíprocas das diferentes linhagens puramente historiográficas, com ascendência da ciência política, e buscam aí a transformação dos modos de narrar a História.

Entendemos que os estudiosos da História estão inseridos em uma era demarcada por linhas indefinidas e por fronteiras intelectuais direcionadas para discutir o novo, o inesperado, na busca de um discurso de vozes compartilhadas e que, segundo Peter Burke, vive-se

... uma era instigante e, ao mesmo tempo, confusa. Podem-se encontrar referências a Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu, Fernand Braudel, Nobert Elias, Michel Foucault e Clifford Geertz nos trabalhos de arqueólogos, geógrafos e críticos literários, assim como de sociólogos e historiadores. O surgimento do discurso compartilhado entre alguns historiadores e sociólogos, alguns arqueólogos e antropólogos, e assim por diante, coincidem com um declínio do discurso comum

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

no âmbito das ciências sociais e humanidades e, a bem da verdade, dentro de cada disciplina. (BURKE 2002, p. 23).

A intermediação da História com outras disciplinas resultou numa grande diversidade de estudos, com a incorporação de pensamentos por todas elas, e isso permitiu que diferentes conhecimentos e pontos de vista fossem explorados em uma iniciativa comum. A pluralidade de instrumentos, temas, abordagens e procedimentos, ocasionaram mudanças no território do historiador, descortinando novos campos para semear.

Para o historiador Jacques Revel (1989, p.5), o período de incertezas e pensamentos intelectuais aberto ao novo é considerado feliz e benéfico. Ao falar da experiência da sua geração, esclarece que o fundamental é a compreensão de que, a partir da “própria prática dos historiadores do social, nasceram reflexões e exigências que determinam hoje em dia, um pouco por toda a parte, uma viragem crítica”. O período de incerteza ao qual o autor se refere é justamente a crise vivida pela escola de Annales, pois esse momento rompeu com a certeza que caracterizava aquele método de análise histórico.

O esfacelamento da história, segundo esse autor, por um lado constitui um risco e por outro pode demonstrar o fato de que os historiadores centralizam suas ambições em objetos restritos e mais fáceis de serem intermediados, a partir de campos circunscritos, delimitados não mais por hábitos disciplinares ou técnicos, mediante conceitos preestabelecidos, mas sim pela prática do historiador. Esse tempo de recuo aparente pode ser interpretado como um momento de reconstrução do modo de entender a função do historiador.

Nesse contexto de mudanças na forma de praticar a pesquisa histórica, percebe-se um aumento da tendência para as histórias culturais, destacando-se o resgate das memórias coletivas e individuais, permitindo o desdobramento metodológico e proporcionando com isso uma diversidade de leituras e representações do passado pesquisado. Essa diversidade surge a partir do rompimento das certezas científicas nas abordagens até então feitas.

As fontes, a matéria-prima do trabalho do historiador, passaram a ser consideradas “indiciárias” daquilo que poderia ter sido o acontecimento passado. A partir desses indícios, fragmentos o historiador constrói uma versão, recriação imaginária do real.

Tal mudança pode ser percebida no discurso da micro-história, da história local, da história individual, ou seja, da história que reconstrói identidades peculiares e individuais, sem, portanto, ignorar a macro-história.

Em decorrência das discussões sobre tais tendências da historiografia, coloca-se no ponto fulcral do trabalho a questão da literatura e da história. Duas formas de registrar o discurso da humanidade, que se diferenciam por sutis conceitos de ficção e verdade, que segundo Antônio Celso,

As relações entre história e literatura estão no centro do debate sobre a disciplina histórica na atualidade. Constituindo-se em linha de pesquisa destacada, o estudo desse intercâmbio remete, no entanto, a uma reflexão que já acumula várias décadas e envolve diferentes áreas das humanidades preocupadas com a linguagem.

Pautado por uma ótica interdisciplinar e comparativista, tal linha acompanha a propensão contemporânea de se interrogar as fronteiras de conhecimento que a tradição institucional construiu. Questionam-se os limites entre arte, ciências e filosofia, ficção e verdade; gêneros literários; narrativa histórica e narrativa literária.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

Todavia, se essa tendência pode representar um caminho de renovação teórica, metodológica e disciplinar, lançando indagações de enorme amplitude. (FERREIRA, 1996, p.54)

Outra reflexão a respeito da intermediação das duas áreas de conhecimento é a do grupo “*Clio*pe”<sup>2</sup> de leituras cruzadas, entre historiadores, sociólogos e críticos literários que evidenciam em suas discussões o cruzamento dos olhares da história e literatura, suas fronteiras e identidades. Suas publicações evidenciam a troca de experiências, as abordagens desse trabalho de domínio transdisciplinar. Para Jacques Leenhardt e Sandra Jatayh Pesavento,

Ler a história como literatura, ver na literatura a história se escrevendo, isto é possível? Interpenetrar processos sociais e processos simbólicos implica um entrecruzamento de olhares que, por sua vez, parte de alguns pressupostos que norteiam uma questão aberta já há algum tempo, desde Michel de Certeau e Paul Ricoeur a Hayden White. Entretanto, o trabalho acadêmico contemporâneo tem implicações teóricas bem precisas, abertas pela incerteza geral que preside o campo das ciências humanas em face da derrocada dos modelos explicativos da realidade. Desta incerteza, reabre-se o debate em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária, da gerência do tempo e da recepção do texto, questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginada do real. (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p.9-10)

Os historiadores vivem um grande paradoxo, que pode ser considerado como sintoma de uma crise revisionista, onde se questiona: Qual a função da história?

No século XIX, Leopold Von Ranke procurou formular leis para tornar a história ciência, baseando seus estudos na procura de novas fontes. E, a partir disso, muitas coisas mudaram. Não convém aqui trabalhar o histórico da historiografia, mas salientar que a história mesmo tendo buscando seu aprimoramento através do tempo, não conseguiu acompanhar o “turbilhão de mudanças”<sup>3</sup> ocasionado pelo progresso.

Esse progresso está envolto na modernização que é o resultado das experiências vividas em busca de transformações em todos os níveis da atividade humana. Segundo Antônio Celso Ferreira, essas transformações ocorrem:

Nas formas de relacionamento social dos modos de organização política; dos hábitos culturais às construções imaginárias; da interação com o ambiente, das maneiras de produzir, habitar e locomover-se; das tecnologias ao lazer - tudo muda aceleradamente no plano mundial. (FERREIRA, 1995, p.33.)

<sup>2</sup> “O grupo *Clio*pe, formado em 1994 por ocasião do 46º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Estocolmo, que se dedica aos estudos do cruzamento da história com a literatura, reunindo pesquisadores de diferentes países e instituições”. (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998).

<sup>3</sup> Para Marshall BERMAN (1986, p.16), modernidade é tratada em dois momentos: “primeiro, modernidade apoia-se na expressão ser moderno que é resultado das experiências ambientais vividas em busca de transformações em todos os níveis da atividade humana; segundo modernismo que apresenta conotações de preferências a aceitar inovações”.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

Isso levará os historiadores a pensar que se faz necessário buscar novas ferramentas mais complexas que as convencionais para desenvolver sua profissão, e as formas discursivas tradicionais serão substituídas por novos signos. O tempo eletrônico, o computador e a televisão, que mostram os acontecimentos do passado no presente e projetam o futuro em fração de segundos, são marcas dessa evolução, e para acompanharem esse turbilhão, os historiadores terão que se transformar em personagens futuristas e mergulharem no mundo virtual.

Por outro lado, as relações da história com a literatura se estreitam, podemos situar, dois níveis a partir do questionamento epistemológico da história, segundo Ria Lemarie,

No domínio da história, o estudo dos laços entre discursos históricos e literários tornou-se possível graças a um questionamento epistemológico que se situa, globalmente, em dois níveis distintos:

- o que estabelece uma distinção entre, de um lado, o passado real, concreto- a passividade – e, do outro, a historiográfica, ou seja, a narrativa feita dele, ou o discurso construído pelo historiógrafo/historiador a partir dessa passividade, a narração dela, a sua recriação sob a forma de uma versão plausível. É esta distinção que aproxima um do outro, o historiador do fato real e o escritor de ficção literária.

- o que se baseia na convicção de que os dados desse passado, ou seja, os fatos históricos recuperáveis graças aos documentos que chegarem até nós, já não são os próprios fatos brutos, concretos; são representações de fatos ocorridos no passado. Constituem, por conseguinte, uma *mise-en-forme* imaginária de dados do passado, já irrecuperáveis na sua imanência.

Do ponto de vista da literatura e dos estudos literários, a abertura em direção à história tinha sido preparada graças a novas abordagens “contextualizantes”, que permitiram passar do positivismo convencional dos estudos literários. ... A contextualização da literatura, a sua leitura e interpretação como partes integrantes de contextos econômicos, políticos, sociais e culturais permitiram passar a primeira barra que separava o fato histórico dos fatos literários, mas ainda não permitiram chegar à plataforma conceptual e única que constitui a base do projeto Clíope, a saber, a concepção dos textos, literário e histórico, como representações ou *mises-en-forme* da realidade.

Tanto a narração literária quanto a historiográfica pressupõe um processo e estratégias de organização da realidade, uma procura de uma coerência imaginada baseada na descoberta de laços e nexos, de relações e conexões entre os dados fornecidos pelo passado. Essa coerência – imaginada, fictícia – depende, claro, parcialmente, dos próprios dados, mas também da plausibilidade de uma significação possível, imaginada pelo escritor/historiador de tal maneira que o leitor possa reconstruí-la. (LEMARIE, 2000, p.9-10).

Essas ligações já vêm sendo discutidas, principalmente na questão da narrativa histórica e sua analogia com os gêneros literários. Pois, a narrativa histórica revitaliza-se e sua aproximação com as técnicas literárias revoluciona as formas acadêmicas convencionais. Um exemplo é o artigo de Lawrence Stone “O ressurgimento da narrativa, reflexões sobre uma velha história” - no qual o autor trabalha a idéia de que os historiadores sempre contaram “estórias” e a História, por muito tempo, foi considerada um ramo da retórica, comprovando a proximidade entre história e literatura. Mas, após o evento da Segunda Guerra, essa prática foi

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

abandonada pelos historiadores, que buscavam rigor científico nos termos das ciências naturais. As reflexões de Stone foram contestadas por vários autores, mas serviram de estímulo para se pensar na aproximação do discurso histórico e do discurso da literatura.

A exemplo de Lawrence Stone, outros historiadores ultrapassaram os limites das universidades e intensificaram as ligações da história e literatura. Peter Gay<sup>4</sup>, Carlos Ginzburg<sup>5</sup>, Robert Darton<sup>6</sup>, no Brasil, Edgar de Decca, Francisco Foot Hardman, Nicolau Seveckenko, Sandra Jatahy Pesavento, Antônio Celso Ferreira entre outros.

Os adeptos dessa tendência têm dado mostras de que estilo e pesquisa não se opõe, ao contrário se completam e uma pesquisa de alto cunho científico pode ser valorizada por um estilo que revele trabalho e preocupação com o modo de dizer, isto é, uma pesquisa ganha valor com estilo literário.

O discurso literário resulta de uma reflexão e se constitui em uma mediação social, tal como o discurso histórico. Daí ser possível através das técnicas de expressão literária, tais como os modos de narrar e construir pontos de vista, poder-se revelar a história.

Walter Benjamin, em “Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo” - analisou Paris do segundo Império, através dos textos literários do poeta. A experiência da multidão, nos grandes centros urbanos, emerge nos temas baudelairianos estudados pelo autor e usados para construir um novo conceito de história.

A utilização de textos literários como fonte para estudos históricos ganha maior dimensão quando esses estudos tratam da modernidade. Para Luis Fernando Lopes Pereira, que utilizou também a poesia de Baudelaire para demonstrar as particularidades do século XIX, a poesia do autor francês:

... não era apenas uma manifestação poética nova, era, além disso uma nova maneira de exprimir uma filosofia do homem moderno submetido a todas as angústias e tramas daquele período histórico.

É por isso que sua poesia surpreende e choca. É por isso que até hoje Baudelaire causa inquietude nos leitores, pois para ele a poesia não deveria ser um bálsamo à vida, mas um agente desmistificador que deveria ter uma correspondência com o pensamento do homem. Podemos ter Baudelaire como um legítimo representante da modernidade. (PEREIRA, 1990, p.163).

Retomando o pensamento de Walter Benjamin (1993), um novo conceito de história se constrói através do retorno da narrativa histórica pode-se destacar que o modo de narrar era marcado, pela atividade do narrador. Assim, viajantes, camponeses sedentários e artífices, transmitiam notícias de terras distantes e de antigas tradições. Cita como exemplo os artesãos que ao mesmo tempo em que teciam seus trabalhos com as mãos, narravam aos aprendizes histórias da própria cultura e de suas tradições, enquanto os viajantes, sempre que retornavam dos longos períodos distantes de suas aldeias, contavam histórias de culturas distantes que haviam conhecido, ou apenas ouvido falar. Isso era feito em ocasiões especiais, em que toda a população da aldeia se reunia para ouvir as narrativas. Atualmente, pode-se evidenciar a falta

<sup>4</sup> GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

<sup>5</sup> GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>6</sup> DARTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. São Paulo: Cia Letras, 1987.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

de identificação entre o narrador e o ouvinte, a perda das relações entre gesto e palavra, que pode estar ocorrendo como consequência do fracasso da arte de contar.

Parte da nova geração de historiadores está procurando recuperar a estrutura que tinha sido abandonada pelos historiadores do século XIX e das primeiras décadas do século XX, aquela preservada pela literatura através da narrativa romanesca. Em essência, o que os historiadores procuram na literatura é a preservação de imagens vividas.

No artigo de Roland Barthes (1984) o “Discurso da história” é questionada a ausência do eu-narrador, o historiador é visto como uma testemunha dos acontecimentos, que são filtrados do passado distante ou de um passado imediato, e através da “Sanção da Ciência Histórica” elaborará o discurso do real. As reflexões de Barthes nos levam a questionar o discurso histórico. Os historiadores, ao buscarem suas fontes para desenvolver suas pesquisas, podem ser questionados: será que analisam a realidade ou a ficção, a verdade ou mentira, já que não podem se utilizar da magia de reviver o momento do acontecimento, enquanto o escritor literário se torna cúmplice do fato-ficção, realidade e imaginação, verdade e verossimilhança, de uma maneira mais despojada que o historiador.

Hayden White, em sua obra *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*, ressalta que a atual geração de historiadores:

É chamada a realizar seja expor o caráter historicamente condicionado da disciplina histórica, presidir à dissolução da reivindicação da autonomia que a história mantém com respeito às demais disciplinas e promover a assimilação da história a um tipo superior de investigação intelectual que, por estar fundada numa percepção mais das semelhanças entre a arte e a ciência que das suas diferenças, não pode ser adequadamente assinada nem por uma nem por outra. (WHITE, 1994, p.41).

Muitos intelectuais não concordam com as idéias de White, que é chamado de “guru, crítico cultural, intérprete superior da pós-modernidade”, mas ele defende a idéia de que o historiador tem que tentar se libertar do senso histórico, mergulhando no imprevisível, mesmo que com isso se desestremem as normas da disciplina, ressaltando que a visão de trabalhar a arte na história é um dos caminhos.

O saber histórico além de propagar o conhecimento ou a informação deve ultrapassar as generalizações, sua dimensão está na probabilidade da variação de um determinado tema, “o bom historiador” segundo Nietzsche, apud Paz (1991, p.4) “deve ter o poder de cunhar para o já conhecido uma coisa nunca ouvida antes e proclamar o universal de maneira tão simples e profunda que o simples se perca no profundo e o profundo no simples”.

A presente ampliação e diversificação da historiografia frequentemente são interpretadas com desconfiança e até mesmo com certo temor, porque muitas vezes vai de encontro à pretensão da objetividade do conhecimento determinado. Ousar falar sobre sexualidade, sensibilidade, semiótica, buscar fontes junto à literatura, antropologia e propor novos vínculos teóricos, tudo isso causa impacto. Deve-se buscar uma historiografia mais compromissada com “idéias” e cada historiador tem direito a criar o seu estilo, pois segundo Peter Gay (1990), “o estilo é a arte da ciência do historiador”.

Os autores citados apontam novos rumos para se pensar o desenvolvimento de experiências que podem ser estabelecidas através da pesquisa histórica. Como diz Francisco Moraes Paz na sua obra “História como Arte”, a complexidade do conhecimento acaba com as certezas e isso conduz a humanidade por novos caminhos nunca definitivos, mas sempre

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

renovados pelos modos de ver e contar o que se passou. Textualmente, assim se expressa o autor:

Os historiadores voltam-se à recuperação das idéias do passado, à compreensão das formas de pensar e viver. Daí, a busca dos significados do evento, naquilo que ele expressa de um sistema social e de um conjunto de valores. A promoção das massas e a superação do tratamento acadêmico refletem-se nos propósitos presentes da narrativa. (...) A ênfase nos símbolos, emoções, atitudes de vida ou comportamentos sociais também recupera o leitor e produz uma nova “revolução”. Trata-se da “passagem” da história como revolução para a história como arte... (PAZ, 1999, p.104).

Para concluir este ensaio, gostaria de voltar o pensamento para as fronteiras entre os modos de registrar tanto o que aconteceu quanto o que é imaginado por alguém, e que foi se revelando durante este estudo e criando novas necessidades de entendimento de como se dá o processo de escrita historiográfica e ficcional. E ficou claro que ambos, história e literatura, são artefatos verbais, de modo que as narrativas de fatos que foram observáveis e que são considerados, portanto, históricos, em seus aspectos formais são similares aos fatos narrados e que são produtos da imaginação de um narrador. Como estabelece Hayden White em seu ensaio, *As ficções da representação factual*<sup>7</sup>, a realidade pode ser representada de forma indireta pelo romancista, que usa a imaginação, mediante a figuração da linguagem, enquanto o historiador registra propostas que afirma corresponder aos detalhes extratextuais. Porém, todo discurso escrito revela uma forma de conhecimento mimético, isto é, tanto a ficcional quanto o não ficcional representam apenas a realidade acontecida ou imaginada. Tanto história quanto romance ou poesia são textos e como tais necessitam ser entendidos através dos recursos de conhecimento específicos para leitura de palavras escritas. Enfim, literatura e história limitam-se em um trópico sutil, os limites do discurso, isto é, gêneros discursivos, mas diferentes, que utilizam recursos narrativos similares com intenções distintas.

**ABSTRACT:** *This article discusses the intermediation between History and Literature, emphasizing ways in which they become closer, mainly regarding their similarities in the writing style - the historical narration is revitalized and its proximity with the literary techniques revolutionize conventional academic forms.*

**KEYWORDS:** *History, literature, intermediation, new territories, diversity of readings*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Signos, 1984.

---

<sup>7</sup>WHITE H. As ficções da representação factual. In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994, p.137-151.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BERMAN, Maschall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

BURKE, Peter. (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica*. Difel. s.d.

DARTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. São Paulo: Cia. Letras, 1987.

DECCA, Edgar Salvadori de; LEMAIRE, Raymond. (Org.) *Pelas margens: outros caminhos da história da literatura*. Campinas; Porto Alegre: UNICAMP; EDUFRGS, 2000.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002.

FERREIRA, Antonio Celso. História fast food (ou alguns problemas da teoria e da narrativa histórica neste fim de século). In: *Cultura Histórica em debate*. (Org.) Zélia Lopes da Silva. São Paulo: UNESP, 1995.

\_\_\_\_\_. *História e literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares*. Revista pós-história. São Paulo: UNESP, v. 4, 1996.

GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

HALBWACHS, Michel. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra. Jatahy. (Org.) *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Unicamp, 1998.

LE GOFF, Jacques.; PIERRE, Nora. *História: novos problemas*. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. *História e memória*. 3. ed. São Paulo: Unicamp, 1994.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007

PAZ, Francisco. *História como arte: ensaio sobre historiografia contemporânea*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: *História: questões e debates*. n. 22/23, Curitiba: APHAH, 1991.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. A modernidade na mira do poeta. In: *História: questões e debates*. Curitiba: APAH, n. 20/21, 1990.

REVEL, Jacques. (Org.). *Jogos de escalas: experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REVISTA de História: questões e debates. Curitiba: APAH, n. 17, 22/23, 1991.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma velha história. In: *Revista de história* n. 2-3, 1991.

WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria contemporânea da história. In: *Revista de História*, n. 2-3, 1991.

\_\_\_\_\_. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.

\_\_\_\_\_. As ficções da representação factual. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994. p.137-151.